



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A DITADURA MIDIATIZADA: ÉLIO GASPARI E A ESCRITA DO PASSADO ENTRE O JORNALISMO E A HISTÓRIA

Marcos Manoel Silva Severiano*

Sônia Meneses (Orientadora)**

A escrita do passado realizada pelo historiador a partir de uma operação historiográfica (CERTEAU: 2002) encontrou um forte concorrente na construção do conhecimento histórico: os meios de comunicação e a constante atuação de jornalistas na produção de obras de caráter histórico.

Escrever o passado não se constitui uma fácil tarefa nem por parte do historiador nem por parte dos jornalistas e nesse intento, toda uma gama variada de metodologias foi desenvolvida para possibilitar essa escrita por ambas profissões. Todavia, com o advento das tecnologias e a rapidez da inserção da informação no cenário público, os meios de comunicação vem possibilitando de forma mais contundente a construção de memórias e referenciais sobre o passado. Dessa maneira, pensar os acontecimentos históricos na contemporaneidade é considerá-los como elaborações sociais, políticas e ideológicas, contudo não sendo menos válido por isto (MENESES: 2011).

* Bolsita do CNPQ, graduando do curso de História da Universidade Regional do Cariri-URCA.

** Profa. Dra. do departamento de História da Universidade Regional do Cariri-URCA.

No embate para a construção desses acontecimentos na contemporaneidade se intensifica o diálogo entre a prática historiográfica e a jornalística, o qual “é preciso encorajá-lo e é sobre ele que é indispensável refletir livremente” (RIOUX: 1999, 120) Enquanto o jornalismo investe no passado como temática para suas narrativas, alguns historiadores buscam inspiração nas receitas da imprensa para repensar sua escrita e aproximá-la do vivido e do atual, possibilitando que as experiências cotidianas possam ser traduzidas historicamente.

Durante o século XX se intensificam as narrativas concebidas por jornalistas de temáticas históricas, ‘recontando’ os acontecimentos e tentando produzi-los, como bem se observa ao pensarmos os eventos do 11 de setembro de 2001. Nessa nova produção de acontecimentos os jornalistas possibilitam uma acessibilidade ao conhecimento histórico, muitas vezes restrito as academias e a seus meios.

Compreender a produção de conhecimento histórico por parte dos jornalistas, e problematizar este conhecimento torna-se nosso principal objetivo neste trabalho. Assim, é necessário ao historiador compreender qual o percurso da informação até se tornar um marco memorável por parte da mídia, estabelecendo de forma mais clara os mecanismos utilizados por esta para a construção de memória e o estabelecimento de novos acontecimentos históricos para além do fazer historiográfico, para isso, tomamos para tal a obra produzida pelo jornalista da Folha de São Paulo, Elio Gaspari, dividida em seus quatro volumes¹.

Elio Gaspari é de origem italiana e vem para o Brasil ainda criança, logo cedo atuando no meio do jornalismo. Passa a escrever para o Diário de São Paulo, revista Veja e o Jornal do Brasil até se tornar colunista da Folha de São Paulo. Sua investigação sobre a ditadura militar brasileira tem início com uma bolsa de estudos que ganhou no *Wilson Center for International Scholars*, onde desenvolveu o início de uma pesquisa metódica acerca do período, compilando documentos e buscando maiores informações sobre o tema. Todavia, Gaspari acaba desistindo da bolsa e transforma seu trabalho em quatro obras sobre a ditadura brasileira, divididas em duas partes: *Ilusões Armadas* e *O Sacerdote e o Feiticeiro*.

¹ É sempre com o título de Ditadura que Elio Gaspari produz suas narrativas acerca da Ditadura Militar brasileira compilada em quatro volumes: A Ditadura Envergonhada, A Ditadura Escancarada, A Ditadura Derrotada e A Ditadura Encurralada

Como pontos de partida para o projeto, consideramos três elementos cruciais para a construção da narrativa histórica: os regimes de historicidade que perpassam obra, a construção narrativa e seus fundadores de sentido, como conceitos, pressupostos filosóficos e metodológicos, e por fim o tratamento das fontes realizado pelo autor. Aqui apresentaremos brevemente algumas considerações sobre esses elementos.

A ELABORAÇÃO DO ACONTECIMENTO

Os livros de Elio Gaspari compõem um conhecimento histórico próprio muito aproximado do campo jornalístico, tendo uma forte influência dos pressupostos que o orientam, assim, logo de saída, percebemos que seu fazer histórico se norteia por conceitos fundamentais advindos do meio jornalístico, como o tratamento dado aos eventos, a compreensão sobre a verdade histórica, dentre outros, que pretendemos discutir mais a frente.

Para o autor, a utilização das fontes é o mecanismo que indica a veracidade da informação e contribui na composição de sentidos para os acontecimentos trabalhados em sua obra. Elaborando-os dentro de uma sequência lógica tem o propósito de respaldar a narrativa e referenciar as informações, no que consideramos uma relação entre espaços de experiências e horizontes de expectativas (KOSELLECK, 2006). Gaspari parte de sua percepção no fazer jornalístico, que já desenvolvia até então, tomando como base as próprias construções narrativas sobre o acontecimento elencadas pelo jornal Folha de São Paulo ao qual é vinculado.

O acontecimento é então elaborado segundo Meneses (2011) em dois momentos significativos: sua escritura na cena pública e sua inscrição no tempo. No primeiro momento se encontram as construções narrativas em imagens, textos, sons que dão sentido aos eventos e ocorrências do cotidiano no momento de sua efetivação. Como afirma Stuart Hall, “antes que esta mensagem possa ter efeito (...), satisfaça uma necessidade ou tenha um uso, deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada” (2006, p. 368)

O segundo momento tem início quando o produto se torna resíduo, rastro de informação que transpõe a temporalidade na qual foi elaborado, ou seja, se realiza como

inscrição no tempo. A escrita se torna inscrição, mas também nova forma de escrita re-significada em outra temporalidade. Realiza-se assim a inscrição de novos significados no cotidiano, ou seja, aquilo que imprime, monumentaliza e institui marcos memoráveis no tempo e no espaço.

Desta maneira, tanto a escritura influencia na inscrição de marcos, como sofre interferência destes, uma vez que na escritura do imediato, o passado, metaforicamente aprisionado em rastros, ajuda a significar e ordenar o presente. Desta maneira, a obra do jornalista Elio Gaspari, é o que poderíamos nomear de um terceiro momento dessa escrita histórica de influência midiática. Isso porque a produção, embora se efetive a partir de princípios do campo da comunicação, articula também, ou pretende articular, elementos do campo da história, ou seja, uma historiografia midiática que organiza-se a partir da intersecção desses dois fazeres.

Assim como a narrativa historiográfica tradicional, a midiaticizada possui também sua textualidade uma forma de lidar com o tempo e de articulá-lo a fim de dar sentido aos acontecimentos. Este processo chamado regime de historicidade se encontra dentro das narrativas não só de historiadores, mas também, daqueles que se propõe a ‘escrever a história’. Dentre os diferentes regimes de historicidades descritos por Hartog (2006) destacam-se dois que tem uma marca fundamental na construção narrativa histórica dos meios de comunicação: o *magistra vitae* e o regime moderno.

No primeiro constrói-se uma história exemplar, uma história que tem como pretensão ensinar o presente para não cometer no futuro os erros do passado. A crença em algo divino na história e a atribuição dos acontecimentos a elementos teleológicos que guiam os sentidos históricos. Com isto a história possuía o sentido de saudosismo do passado e apresentava o mesmo como maestro dos acontecimentos presentes.

O segundo propõe uma história pensada para o futuro, uma história que consegue perceber o desenvolvimento progressivo para um depois inevitável. Até a Idade Média a providência coordenava os acontecimentos e possibilitava a eles serem tidos como exemplos a serem seguidos, mas com o advento do renascimento a razão vai ganhando espaço e pensadores como Descartes e Condorcet vão delineando o desenvolvimento de forma progressiva, que eram coordenados por um sentido não mais oracular, mas cientificista, que “interpreta o desenvolvimento do curso histórico a partir

da existência e da intensidade de forças específicas operando no seu interior.” (BODEI, 2001, p. 39). Podemos ainda pensar em um terceiro regime, o ‘presentismo’, visto que, para Bodei (2001) “não existe mais nem um império unificador, como em Políbio; nem uma credível *civitas peregrinans*, como em Agostinho, a ‘procissão do espírito santo’ na história, como em da Fiore; os *Volksgeister*, como em Herder; a ‘educação do gênero humano’, como em Lessing; os saltos de época, como em Condorcet; o proletário na qualidade de protagonista da revolução que deveria terminar com todas as revoluções, como em Marx” (BODEI, 2001, p. 71) Desta forma a filosofia da história foi construindo sentido para os acontecimentos e as narrativas historiográficas.

Assim, num primeiro plano, a obra de Elio Gaspari constrói sua narrativa muito próxima de uma concepção positivista da história. Uma história factual, que deve ser descrita nos mínimos detalhes e pouco problematizada. Direciona o regime militar brasileiro para uma realidade inevitável quando afirma:

Fosse qual fosse o governo, fosse qual fosse o presidente, depois de acontecimentos como a insubordinação da marujada e do discurso do Automóvel Clube, em algum lugar do Brasil haveria um levante (GASPARI, 2002, p.92)

Esta narrativa construída dentro desta relação temporal causal, de curta duração e com influências positivistas, auxilia o leitor na elaboração de sentido de um passado apaziguado, narrado e sem grandes tensões. Conhecimento que ganha sentido dentro da temporalidade da escrita e re-significam o acontecido.

A NARRATIVA, PERSONAGENS E FONTES

Mesmo construída fora dos círculos da história acadêmica permanecem traços que nos levam a perceber como o autor toma o conceito de história e de verdade dentro de sua obra de forma a legitimá-la tanto entre jornalistas, como historiadores. Sua produção nos apresenta a ditadura dentro de uma perspectiva temporal elaborada sobre dois personagens: Ernesto Geisel e Golbery, trabalhados pelo autor respectivamente como o Sacerdote e o Feiticeiro.

Ao longo do texto, percebe-se que o próprio Gaspari demonstra uma forte identificação com os dois personagens, apresentados ao mesmo tempo em sua obra como imagens paradoxais entre os heróis e vilões da história.

Dessa forma, o autor elabora uma narrativa personalista que ancora suas explicações em grande parte na atuação exemplar de seus personagens. As fronteiras entre realidade e ficção são costuradas numa tessitura tênue, para a qual “a história se serve de alguma maneira da ficção para re-figurar o tempo, e em que, por outro, a ficção se serve da história com o mesmo intuito” (RICOEUR, 1997, p. 312)

Um ponto fundamental são suas fontes. Fontes que transitam desde periódicos, cartas, fotografias, entrevistas, dossiês e documentários até os seus ‘informantes’. Esta variedade de registros está disposta ao longo do texto com a finalidade de construir aspectos de verdade e principalmente verossimilhança para o seu panorama sobre a ditadura, aliado a isso, não deixa de advertir que:

O silêncio dos generais foi compensado pela utilização maciça de conceitos teóricos. Com isto frequentemente misturaram-se ideias brilhante e preconceitos, dando força de dogma a alguma racionalização que, no máximo, seriam bons instrumentos de especulação. (GASPARI, 2002, p.38)

6

A utilização destas teorias que o autor se propunha a fazer deixa vaga a finalidade ao longo da narrativa, transitando entre teóricos como Arendt, Foucault e Hobsbawm, sem deixar claro a base teórica a qual norteará sua obra, destacando-as ao longo do texto mas, sem aprofundamento aprofundá-las.

Deu-se por conveniência, medo e arrogância a metamorfose descrita pela filósofa alemã Hannah Arendt em seu magistral estudo “Verdade e Política”: “O apagamento da linha divisória entre verdade fatural e opinião é uma das inúmeras formas que o mentir pode assumir.” (GASPARI, 2002, p.149)

O uso de uma documentação oral vasta, fruto muitas vezes de seu próprio acervo, torna ainda mais complicado compreender esta construção como algo historiográfico, mas não menos importante, visto que uma das premissas do conhecimento histórico é a disponibilidade das fontes no cenário público para que possam ser contestada, consultadas ou mesmo fomentar novas pesquisas que a tomem como referência, mas é indiscutível que a obra de Gaspari auxilia na construção de

sentido acerca do passado, utilizando-se de elementos que dão legitimidade a sua escrita, por mais que tomados de forma diferente da do historiador.

As fotografias são um caso à parte. Dispostas em determinadas partes do livro, com a finalidade maior de apresentar ao leitor as faces dos participantes da narrativa quanto de momentos importantes do mesmo, como a Marcha dos Cem Mil, não passam por uma reflexão crítica de sua própria formulação que é também textual, ganhando um caráter mais elucidativo das movimentações e tramas da narrativa.

Gaspari mantém na sua elaboração textual e disposição das fontes os mesmos princípios dos manuais de jornalismo da Folha de São Paulo, que em um de seus manuais, datado de 1984 enfatiza que:

Fatos – São a matéria-prima de qualquer tipo de jornalismo. É mais valioso revelá-los do que relatar declarações a respeito deles; é mais importante noticiá-los que interpretá-los. (MANUAL GERAL DE REDAÇÃO *apud* MENESES, 2011, p. 61)

As fontes, então, são utilizadas para dar veracidade e detalhamento do fato, esclarecendo para o leitor os percursos dos acontecimentos, sem necessariamente refletir sobre eles. Apesar de que nessas narrativas o jornalista “toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções” (MANUAL GERAL DE REDAÇÃO *apud* Silva, 2011, p. 65)

A escrita de Gaspari difere de vários historiadores que problematizaram o mesmo período, apresentando novas documentações e delineando um novo percurso narrativo, nem por isso menos válido. Esta escrita produz conhecimento histórico que dinamiza com o cotidiano, entra em contato com as polifonias contemporâneas e possibilita um novo olhar sobre o acontecimento, diferente, mas não necessariamente errôneo.

Com a reflexão da obra do jornalista Elio Gaspari pudemos investigar a escrita do passado fora dos campos da história. Isso nos permitiu repensar os lugares da escrita da história no tempo presente, assim como o papel do historiador na contemporaneidade. A escrita elaborada pelos jornalistas possui um caráter metodológico, como também, ideias de história que influenciam no manejo de fontes ressaltado regimes de historicidade particulares. Paradigmas que permitem a construção

de eventos emblemáticos e facilitam sua aceção no cotidiano, dando sentido ao dia-a-dia.

Na obra de Elio Gaspari percebemos uma ideia de história muito ligada a uma narrativa da verdade, uma narrativa que utiliza das fontes com o propósito de dar veracidade e confiabilidade às suas afirmações, não diferindo muito de princípios elencados dentro dos próprios manuais da Folha de São Paulo, jornal ao qual está vinculado.

Suas fontes possuem algumas peculiaridades, sendo um problema a publicização das mesmas visto que boa parte das delas fazem parte do acervo pessoal do autor o que dificulta produções que as repensem ou as reutilizem.

O golpe militar, narrado por Gaspari se torna mais que um evento emblemático, torna-se uma referencia sobre o assunto, sendo utilizada para respaldar matérias jornalísticas e escritas do meio sobre o passado recente da história do brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BODEI, Remo. **A História tem um Sentido?**, Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- DELGADO, Lucila. **1964: temporalidades e interpretações** in REIS, Daniel Aarão et all. *O golpe e a ditadura militar – 40 anos depois (1964-2004)*, Bauru-SP: Edusc. 2004.
- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora – identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HARTOG, François. **Regime de Historicidade**. Capturado da Internet em 8/05/2006 no endereço: <http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

MENESES, Sônia. *A operação midiográfica: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964*, defendida em 2011, na Universidade Federal Fluminense-UFF.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rj, 2006.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda: entre jornalistas e sensores** in REIS, Daniel Aarão et all. *O golpe e a ditadura militar – 40 anos depois (1964-2004)*, Bauru-SP: Edusc. 2004.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa, Tomo III**, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RIOUX, Jean-Pierre. **Entre História e Jornalismo**, In: CHAUVEAU, Agnès, *Questões para a História do Presente*, Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.